

Libertação e mistagogia: por uma teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica

Liberation and mystagogy: for a liberating eucharistic theology from a mystagogical perspective

Francisco Junior de Oliveira Marques¹, José Cândido da Silva Nóbrega², Patrício Borges Maracajá³ e José Marcolino Neto⁴

v. 9/ n. 1 (2021)
Janeiro/Março

Aceito para publicação em
10/12/2020.

¹Doutorando no PPGD Direito Constitucional, Unifor, Fortaleza. Bacharel em Direito, Unifor, Fortaleza, 2018. Diplomado em psicopedagogia, Universidade Gregoriana (Unigre), Roma, 2008. Mestre em Teologia Sistemática, Faculdade dos Jesuítas (Faje), Belo Horizonte, 2005. Licenciado em Filosofia, PUC-Minas, Belo Horizonte, 2000. Professor de Direito pela Faculdade de Tecnologia de Horizonte (Fathor), Horizonte. E-mail: sssmarquez@hotmail.com;

²Graduado em Administração; Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR); MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV); Especialista em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco; Mestre pelo PPGSA – UFCG e Mestre em Negócios Internacionais -MUST. E-mail: jcandidosn@uol.com.br;

³Professor D. Sc. da Universidade Federal de Campina Grande — UFCG. E-mail: patriciomaracaja@gmail.com;

⁴Graduando em Direito pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: josenetol140399@gmail.com;

Resumo

A teologia eucarística foi produzida ao longo da história a partir de dois métodos clássicos conhecidos como escolástico e mistagógico. A teologia latino-americana e caribenha optou por um caminho próprio na dinâmica da teologia da libertação com praticamente nenhuma influência da tradição mistagógica dos santos Padres. Concordando com o princípio hermenêutico da convergência de métodos, o artigo se pergunta pela possibilidade de fazer uma teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica, tendo em vista uma relação circular hermenêutica entre libertação e mistagogia. A metodologia é bibliográfica, documental, caráter explicativo, qualitativa e de natureza teórica. O texto faz uma breve apresentação do problema do método em teologia eucarística e, depois de recordar em que consistem esses métodos, situa a contribuição específica de uma teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica. Os resultados obtidos levam a concluir que a convergência de métodos conduziram a necessária superação de uma teologia polarizada e ambígua.

Palavras-chave: teologia eucarística, teologia da libertação, método, mistagogia e escolástica.

Abstract

Eucharistic theology has been produced throughout history using two classical methods known as scholastic and mystagogical. Latin American and Caribbean theology chose its own path in the dynamics of liberation theology with virtually no influence from the mystagogical tradition of the holy Fathers. In agreement with the hermeneutic principle of convergence of methods, the article asks about the possibility of making a liberating eucharistic theology in a mystagogical perspective, in view of a circular hermeneutical relationship between liberation and mystagogy. The methodology is bibliographic, documentary, explanatory, qualitative and of a theoretical nature. The text makes a brief presentation of the problem of the method in Eucharistic theology and, after remembering what these methods consist of, situates the specific contribution of a liberating Eucharistic theology in perspective mystagogic. The results obtained lead to the conclusion that the convergence of method led to the necessary overcoming of a polarized and ambiguous theology.

Keywords: eucharistic theology, theology of liberation, method, mystagogy and scholastic.

1. Introdução

No contexto da América Latina e Caribe, a teologia da libertação recuperou a exigência social da eucaristia, assumindo o pobre e o seu clamor como lugar teológico. A eucaristia em perspectiva libertadora relaciona a fome e as mesas vazias dos mais pobres com a mesa da Ceia do Senhor, lugar de denúncia e profecia do Reino de Deus. A realidade sociocultural e política dos “marginalizados e perseguidos” é interpelada pela eucaristia e, essa, é interpelada pela história, em função de um mundo mais justo e humano.

Com base na relação entre liturgia eucarística e libertação, emerge como objetivo da presente pesquisa, analisar a validade da tradição teológica latino-americana da libertação e o seu quefazer como teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica. Na esteira dessa tradição, entende-se a afirmação de Bento XVI por ocasião do discurso de abertura de Aparecida: a opção pelos pobres é resultado intrínseco da cristologia. Da mesma forma, Francisco em audiência pública no Vaticano, em 04 de abril de 2018, afirma: participar da Eucaristia compromete em relação aos pobres, educando aos cristão a passar da carne de Cristo à carne dos irmãos.

De fato, A teologia da libertação, a partir de seu método, pensa uma teologia da práxis e entende a eucaristia como uma refeição de justiça, solidariedade e amor, que profetiza o banquete do Reino, inseparável do serviço fraterno. A perspectiva mistagógica assume toda essa reflexão da práxis libertadora no contexto da própria oração ou formulários litúrgicos. O teólogo da libertação que integra a perspectiva mistagógica na sua reflexão sabe contextualizar na realidade concreta as orações e formulários eucarísticos e, ao mesmo tempo, parte da *lex orandi* para produzir sua teologia eucarística libertadora.

A teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica significa uma reflexão que se produz a partir da irrupção do pobre e de sua fome na celebração eucarística, através de seus ritos e formulários. O mistério eucarístico que revela o Deus movido pela misericórdia em direção aos mais necessitados, que transforma a Igreja em corpo eucarístico e que leva a uma práxis libertadora, é o mistério que se irá esclarecendo a partir de dentro, não desde a exterioridade de textos escolásticos; mas de dentro da dinâmica da celebrado, do experimentado e vivido no diálogo orante em cada eucaristia. Desse modo, pergunta-se: como pensar a teologia da libertação em perspectiva do método eucarístico-mistagógico?

A metodologia é bibliográfica, elaborada a partir de material publicado em livros, revistas e pesquisa em bases eletrônicas; bem como documental, mediante consulta à formulários anafóricos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é explicativa, pois identifica e analisa o fenômeno dos métodos de estudo eucarístico e seus possíveis impactos na teologia latino-americana. Quanto à abordagem ao problema apresentado, faz-se um estudo qualitativo. Finalmente, a pesquisa é de natureza teórica. O itinerário da pesquisa iniciará como a justificativa do tema. Depois, se analisará o problema do método em teologia eucarística e sua recepção na América Latina e Caribe (1). Em seguida, será tratado o tema dos dois tipos de tratados eucarísticos elaborados em óptica mistagógica e escolástica, e a nova abordagem da teologia eucarística oferecida pelo método teológico latino-americano (2). Finalmente, abordar-se-á as críticas ao método da teologia da libertação e as contribuições do método mistagógico no novo itinerário para uma teologia eucarística libertadora e mistagógica (3).

2. Justificativa do tema

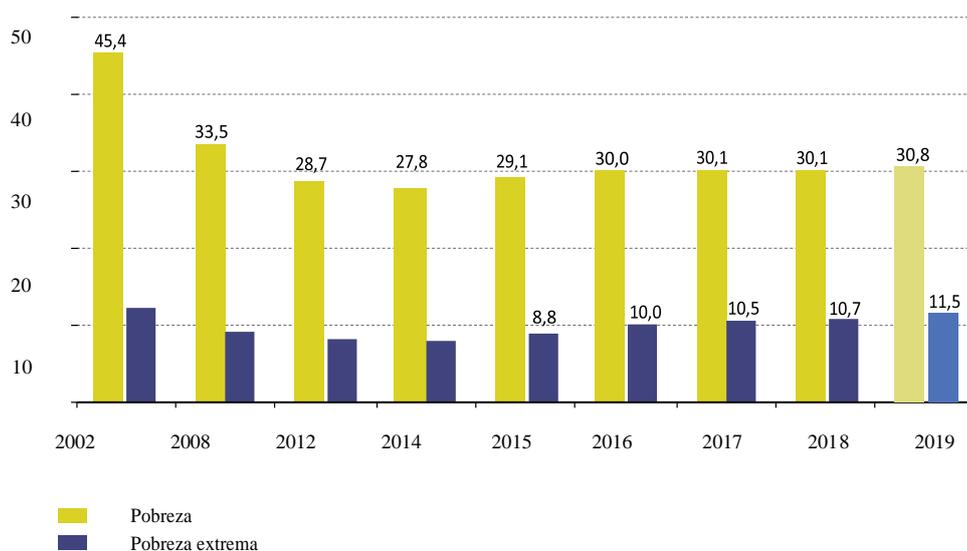
Na oração eucarística IV do missal romano (1991, p. 489), a Igreja reza: “[Jesus] verdadeiramente humano, menos no pecado, anunciou aos pobres, a salvação, aos oprimidos, a liberdade, aos tristes, a alegria”. O mesmo se reza na oração eucarística IV D (MISSAL, 1991, p. 869) para as diversas circunstâncias: “[Jesus] sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos marginalizados e perseguidos”. O tema central nesses textos anafóricos remete a opção preferencial de Jesus pelos pobres e por sua salvação e libertação. Em orações eucarísticas, mais antigas também temos o mesmo tema. Um exemplo, encontra-se na anáfora alexandrina de Basílio (GIRAUDO, 2000, p. 304): “Governa nossa vida: bendize o ciclo do ano com tua benevolência, por causa dos pobres do teu povo, por causa da viúva e do órfão, por causa do forasteiro de passagem e do forasteiro residente, por causa de nós todos que esperamos em ti e invocamos teu santo Nome”.

O testemunho novo e antigo dessas orações apresenta a intrínseca relação entre a liturgia e o compromisso social que constitui uma única realidade celebrada em cada eucaristia. Com toda razão pode-se dizer: “sem liturgia é difícil que se dê compromisso ético; sem compromisso ético é difícil que haja verdadeira liturgia”. (GIRAUDO, 2000, p. 565)

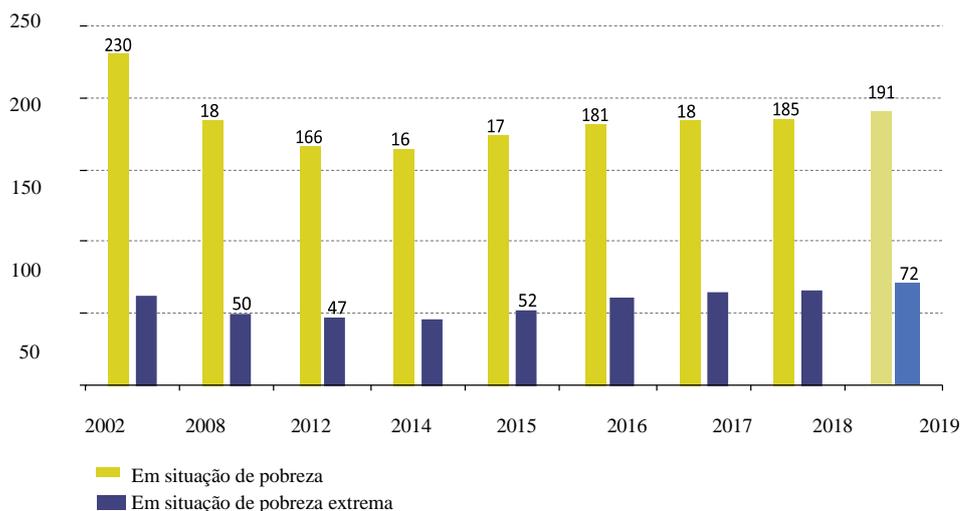
A relação entre liturgia e compromisso social ou, em termos patrísticos, *lex orandi lex agendi* (a norma da oração estabelece a norma do agir), assume um relevo ainda mais importante no contexto de crise social da América Latina. De fato, a erradicação da pobreza continua sendo um desafio no continente. Os avanços vividos na entre os anos 2020 e 2014 marcaram uma sensível redução de pobreza, seja em razão do contexto de crescimento econômico, seja em razão de uma agenda política

inclusiva (CEPAL, 2019, p. 16). A taxa prometida de pobreza da região diminuiu de um 44,4% para 27,8%; de modo que 66 milhões de pessoas superaram a situação de pobreza. As taxas de extrema pobreza, por sua vez, foram reduzidas de 12,2% para 7,8%.

A partir de 2015, com a mudança no ambiente económico, observa-se um crescente aumento da pobreza e extrema pobreza, afetando, assim, as políticas de inclusão social e laboral. Os indicadores laborais despencaram, impulsionados pelo aumento do desemprego e informatização do mercado (CEPAL, 2019, p. 17). As taxas de pobreza em 2018, evoluíram para 30,1% abaixo da linha de pobreza; e um promécio de 10,7% abaixo da extrema pobreza. Em números, são 185 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza, e 66 milhões em situação de extrema pobreza. Desse modo, a pobreza total em 2018 superou em 2,3 pontos percentuais em relação a 2014, o que significa um aumento de 21 milhões de pessoas, das quais 20 milhões se encontravam em situação de pobreza extrema (CEPAL, 2019, p. 17).



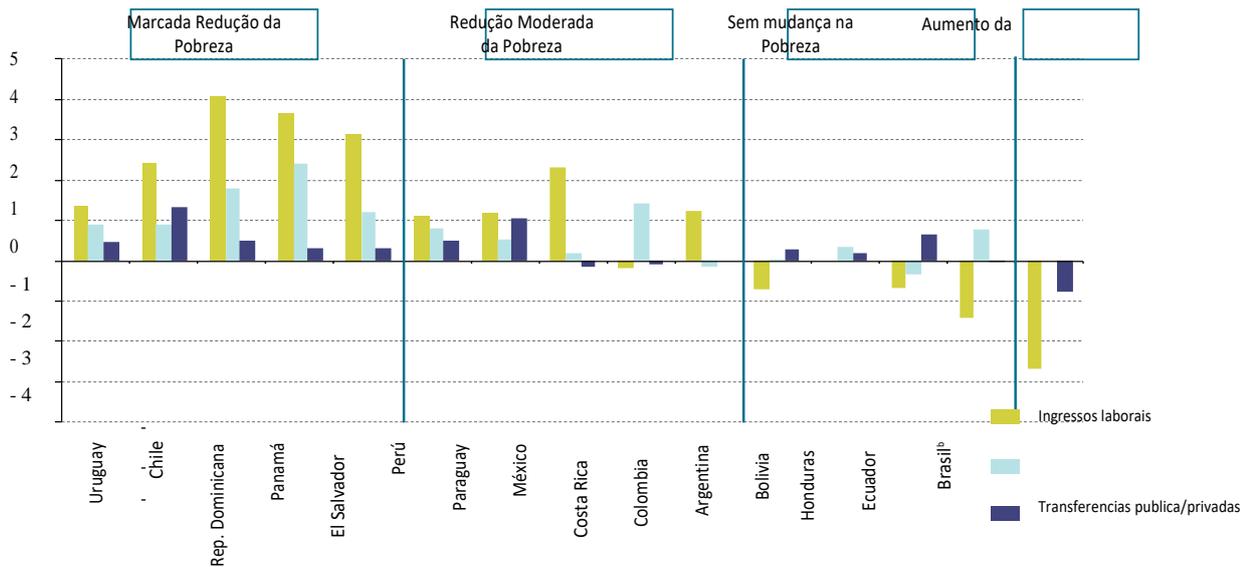
América Latina (18 países). Taxas de pobreza e pobreza extrema (2002-2019)
Em percentuais.
Fonte: CEPAL, 2019, p. 17.



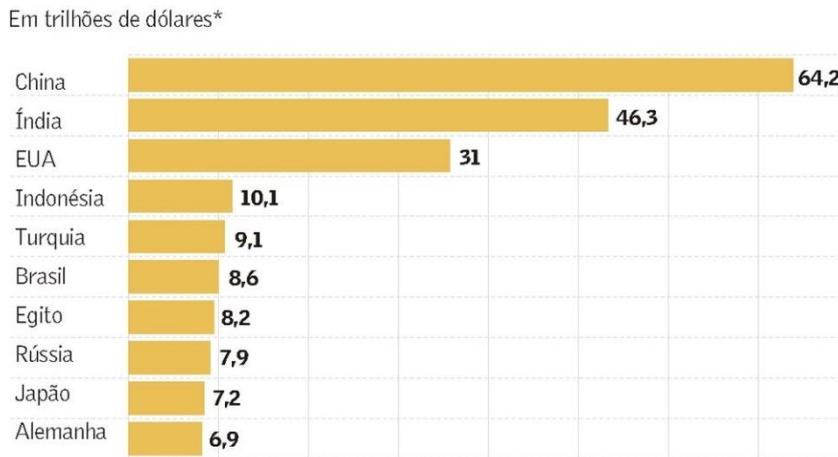
América Latina (18 países). Taxas de pobreza e pobreza extrema (2002-2019)
Em milhões.
Fonte: CEPAL, 2019, p. 18.

A pobreza na região tem dinâmicas distintas e, deve-se especialmente, a potencialização da desigualdade no Brasil e na Venezuela. Nos países da América do Sul, excluindo-se os anteriores, entre 2014 e 2017, observou-se uma redução da pobreza, ainda que mais lenta. Importante recordar que em 2018, houve um sensível incremento de pobreza na Argentina. Já nos países caribenhos e México, entre 2014 a 2018, houve a pobreza foi reduzida de um 45% a 42%. A projeção, entretanto, para 2019, foi de uma projeção da pobreza e extrema pobreza de toda a região de um 30,8% e 11,5%, respectivamente. Desse modo, trata-se de 27 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, e 26 milhões em estram pobreza.

De acordo com o Relatório do Panorama Social da CEPAL (2019, p. 18), os pobres têm rosto e contexto geográfico. Assim, a maioria estão nas regiões rurais e conformam os grupos das crianças, adolescentes, mulheres, pessoas indígenas e população afrodescendente. Essa desigualdade por grupos já havia sido indicada nos estudos da CEPAL de 2014, 2016c, 2017b e 2018b. Além dos indicadores geográficos e grupais, deve-se considerar ainda que a pobreza esta intimamente relacionada com os ingressos laborais. Nos países da região, entre 2014 e 2018, onde o aumento de ingresso foi igual ou maior que 5%, houve diminuição de pobreza. Nos países onde houve queda de ingresso laborais, a exemplo do Brasil, foi negativo, a pobreza aumentou.



Os efeitos da Covid-19 aceleram ainda mais a situação de pobreza na região, estimando-se uma perda na ordem 5% dos ingressos da população economicamente ativa. A projeção é de 3.5 percentuais de aumento da pobreza e 2.3 de aumento da extrema pobreza, o que atingirá 83,4 milhões de pessoas em 2020 (CEPAL, 2020, p. 7). Diametralmente oposta a pobreza, a riqueza em países como o Brasil, com um dos maiores índices de desigualdade, cresce e se destaca no contexto das 10 economias mais poderosas até o ano 2030.



Standard Chartered. Estimativas usam medidas de paridade do poder de compra (PPP)

Fonte: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2019/01/08/emergentes-vaio-dominar-lista-dos-10-maiores-pibs-do-mundo-em-2030.ghtml>

Todos esses dados apresentam uma clara realidade de desigualdade que grita a Deus. A liturgia jamais foi silenciosa a dor e o sofrimento dos mais pobres, como indicado acima. Contudo, o estado atual da questão apresenta uma produção muito reduzida do tema tratado na pesquisa. Na verdade,

não existe publicações que sirva de itinerário para o que se estudar aqui. Francisco Taborda¹, um teólogo da libertação, tem dado uma contribuição na reflexão da teologia eucarística em perspectiva mistagógica, contudo, sua produção não tem uma relação imediata com seus textos anteriores sobre a eucaristia em chave libertadora. Também Jon Sobrino (1992) reserva, em seu livro, “O princípio da misericórdia”, um pequeno capítulo relacionando libertação e mistagogia. Sobrino (1992, p. 69) recupera na teologia da libertação aquele aspecto importante do mistério e considera que o esclarecimento da fé se realiza, em último termo, como *mistagogia*; e, não apenas, com a ajuda da compreensão de textos acerca do mistério. Em geral, a teologia eucarística libertadora tem uma vasta literatura sobre eucaristia², entretanto, a relação proposta aqui ainda é um campo de pesquisa aberto.

Não se tem a pretensão de fazer uma reflexão exaustiva sobre o tema, e menos ainda produzir um sistema que recupere todas as nuances que abarca a questão sobre libertação e mistagogia. De acordo com os objetivos mencionados acima, pensamos em tratar a questão do método para uma teologia eucarística libertadora e mistagógica. A importância de perceber a relevância do método latino-americano de fazer teologia eucarística e sua convergência³ com a metodologia mistagógica dos padres da Igreja. Isso não quer dizer que se pretenda uma nova metodologia em convergência entre a libertação e a mistagogia. O objetivo é menos audacioso, pois apenas se quer fazer algumas indicações que apresente a relevância da relação entre a teologia eucarística latino-americana da libertação e a teologia eucarística mistagógica praticada pelos santos padres no primeiro milênio (CAPPELE, 1954) e que, a sua vez, denuncia a desigualdade e o abismos social na qual está emergida a América Latina.

3. O problema do método em teologia eucarística e sua recepção na América Latina e Caribe

¹ Taborda traduziu para o português dois livros de Cesare Giraudo: “*In Unum Corpus: Trattato Mistagogico Sull'eucaristia*” (2007) e “*Conorci davvero l'Eucaristia*” (2001). Publicou: “*lex orandi: Lex orandi, Lex credendi – origem, sentido e implicações de um axioma teológico*” (2003); “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica dos sacramentos” (2004); “Memorial da Páscoa do Senhor” (2009); “A ação do Espírito Santo na Eucaristia” (2012).

² Segue uma amostra bibliográfica: Francisco Taborda, com “Eucaristia e Igreja” (1985); “Sacramentos, praxis y fiesta: para una teologia latinoamericana de los sacramentos”(1987); Enrique Dussel, “El pan de la celebracion, signo comunitario de justicia” (1982); Francisco De ROUX, “Eucaristia desde Puebla” (1979); Victor Codina, “Eucaristia y Reino de Dios” (2006).

³ O tema de fazer teologia com métodos em convergência nasce de um texto de Paul Ricouer (1976): “Do conflito a convergência de métodos em exegese”. Ricouer propõe um caminho entre o fanatismo da pureza de métodos e o ecletismo a qualquer preço. Sua perspectiva é chamada de “convergência sem ecletismo” donde cada método implica, segundo a línea de sua própria coerência, uma referencia a outro método (BARTHE, 1976, p. 33-49).

Para falar atualmente de uma produção teológica legítima, deve-se considerar dois aspectos fundamentais. Por um lado, o pluralismo que representa o lugar onde estar situada todas as ciências, inclusive a teologia. Nesses termos, escreve Karl Rahner: diferentemente do passado, hoje o teólogo não consegue captar e dominar todo o campo de sua disciplina porque a linguagem da teologia já não é única ou unitária (RAHNER, 2006, p. 110).

Isso não quer dizer que se ponha em dúvida a unidade. O que se constata é a necessidade de produzir conhecimento em diálogo com o mundo científico plural e especializado. Nesse sentido, o importante é trabalhar num horizonte de compreensão interdisciplinar e aberto ao diálogo. Em segundo lugar, é necessário reconhecer que essa pluralidade tem como consequência o surgimento dos diversos métodos de abordagem do problema em teologia. Para a investigação teológica é decisivo que o teólogo situe seu trabalho dentro de um método e indique a importância do mesmo no desenvolvimento de sua pesquisa. Não se trata aqui de apresentar o método a maneira de receitas, ou como sequência de procedimentos a seguir, mas como racionalidade com sua intenção e características próprias (BUSTAMANTE, 2007, p. 9).

O método como racionalidade significa os diversos modos com os quais uma teologia se gesta e se propõe. A especificidade ou tematização dessa racionalidade é de fundamental importância para o desenvolvimento da produção teológica. O método estabelece as regras internas da construção de um determinado discurso teológico como sistema de signos, que relacionados entre si, possuem sua lógica que o torna sério e rigoroso, oferecendo um corpo linguístico à produção de uma determinada teologia. A diversidade de modelos com suas regras próprias diferenciam por sua vez as teologias (LIBANIO, 1989, p. 157).

Sem dúvida, pode-se encontrar uma sintaxe⁴ essencial em toda teologia. Contudo, na medida que se apresentam métodos diferentes, tem-se também sintaxes próprias que revestem o discurso de regras originais. O corpo de regras metodológicas se comporta como um “campo de possibilidades” que abre o discurso ao diálogo com todas as teologias, mas também como um “campo de restrições”, pois distingue o que é próprio em cada produção teológica segundo seu método. O “caminho da produção teológica” que se realiza entre a lei de inclusão (identidade essencial) e a lei de exclusão

⁴ Segundo Libânio, a teologia pode ser considerada como um sistema de signos. Estes signos se organizam em seu interior, e se elaboram no contexto eclesial. Nesse universo de signos, o campo linguístico é dividido em pragmática, semântica e sintaxe. A pragmática se preocupa dos usuários; a semântica, da trajetória das significações; e a sintaxe tem a ver com a relação dos signos entre si. Se interessa pela lógica interna do discurso teológico, buscando conhecer as regras que o fazem rigoroso, sério; reconhecido como pertinente ao saber em questão. A sintaxe tem uma função descritiva e normativa, ao estabelecer as regras de construção do discurso dos corpos linguísticos (LIBANIO, 1989, p. 157).

(diferenças) é de extrema importância para que uma teologia tome consciência de seu estatuto científico e formalize sua sintaxe própria.

A eleição por um método é, portanto, a definição de um universo de signos específicos, com seu corpo lingüístico determinado na produção teológica. Atualmente, o estudo de Cesare Giraudó (1989; 2000) sobre a eucaristia apresenta dois tipos de métodos teológicos que influenciaram toda a literatura teológica eucarística, inclusive na América Latina e Caribe. Essas duas racionalidades teológicas situadas historicamente no primeiro milênio com a teologia dos santos Padres, e no segundo, como a teologia escolástica, geraram dois tipos de tratados *De Eucharistia* (sobre a Eucaristia); um designado racionalidade mistagógica, e outro, racionalidade dos epítomes⁵ ou dos manuais.

No segundo milênio, a busca pelo entendimento da eucaristia se dá a partir da escola, lugar da explicação, distinções e elucidações especulativas. A teologia se realiza com argumentos dialéticos e se expressa em ideias claras e distintas⁶. Diferente desse método mecanicista, o primeiro milênio apresenta outra racionalidade em teologia sacramental designada teologia mistagógica, sintetizada pelo axioma *lex orandi lex credendi lex agendi* (A norma da fé e da ação sejam estabelecidas pela norma da oração). Uma teologia produzida desde o espaço litúrgico, fonte de autoridade para compreender a revelação e a fundar o agir cristão.

A recepção do método em teologia eucarística na América Latina e Caribe, sua prática e produção, não tinha nada que ver com a teologia dos Padres. Essa prática havia ficado há mais de cinco séculos no passado. A base para a teologia e prática sacramental no novo mundo, reflexo do intenso momento sacramental pré e pós-tridentino, foi a tradição manualística dos primeiros evangelizadores (século XV-XVII), situada na escola da *lex credendi* escolástica.

Os catequizadores, no esforço evangelizador, criaram manuais para a formação dos missionários. Esses manuais e rituais eram as descrições e as obrigações pastorais e sacramentais dos clérigos em missão. Segundo o historiador Ignasi Saranyana pode-se falar de duas categorias manualísticas: os chamados manuais mexicanos (1540 e 1556) e os seis grandes manuais (sec. XVI), escritos no hemisfério sul (SARANYANA, 2008, p. 447).

⁵ Epítome é um termo grecozante para manuais. Designa o que permanece depois que se tira o supérfluo”. Em síntese, são compendios ou prontuários, úteis, contudo marcados pela parcialidade (GIRAUDO, 2000, p. 2).

⁶ O uso da expressão “ideias claras e distintas”, no contexto da teologia escolástica, parece ser anacrônico, pois reconhecemos a paternidade da mesma por René Descartes (+1650) e sua utilização para definir o que é conhecimento racional. Entretanto, devemos admitir que o método de distinguir para esclarecer foi praticado antes dele. Podemos de dizer que, em questão de teologia trinitária, os Padres do século IV são cartesianos *ante litteram*, como o são os pré-escolásticos e os escolásticos no tocante a teologia sacramental (GIRAUDO, 2000, p. 3).

Durante os séculos seguintes, a teologia sacramental se formulou a partir do método escolástico, com sua dinâmica e racionalidade próprias. O horizonte de reflexão apenas terá uma mudança significativa com o desenvolvimento do movimento litúrgico⁷ que desembocou nas opções do Concílio Vaticano II pela “volta às fontes”. As orientações do Concílio conduziram ao restabelecimento da primitiva norma dos santos Padres (SC, n. 50). Dom Piero Marini (2004), no seu texto sobre os 40 anos da Sacrossanto Concílio, escreve: A práxis litúrgica das Igrejas dos santos Padres se converte na forma original da liturgia cristã, com a qual deve conforma-se e verificar-se a vida litúrgica da Igreja de todas as épocas.

A recuperação da teologia sacramental em perspectiva dos Padres e a revalorização da *lex orandi* conduz a teologia eucarística e seu método pelo caminho da mistagogia. Para América Latina e Caribe, todavia, não bastava o simbolismo esteticista da teologia eucarística moderna e europeia, com seu acento mistagógico. A teologia teria que se gesta a partir da realidade histórica de pobreza e da miséria que vive o continente e descrita em termos atuais acima. A teologia eucarística teria que ser pensada a partir da realidade de injustiça e a sacramentologia a partir do conceito de libertação.⁸

O problema do método em teologia eucarística oferece um desenho do momento atual: dois tipos de tratados sobre a eucaristia e uma nova abordagem latino-americana produzida a partir da realidade do continente, desde sua problemática e sensibilidade. No item seguinte, tratar-se-á de aprofundar essas duas metodologias teológicas, suas perspectivas, e situar a abordagem latino-americana com suas opções metodológicas na produção da teologia eucarística.

4. Duas metodologias, dois tipos de tratados eucarísticos e uma nova abordagem latino-americana da libertação

⁷ O movimento litúrgico tem sua origem com Prosper Guéranger (+1875), monge beneditino, fundador e primeiro abade de Solesme. Seu início é reconhecido oficialmente no Congresso de Malines em 1909, com o discurso de P. Lambert. Contudo, há uma consciência geral que o movimento vai além de um discurso. Ele nasce de um agitar de idéias pelos inícios do século XX e continua sua evolução até o pós Vaticano II com o *consilium* de Cardeal Lercaro e Pe. Burgnini (BOTTE, 1978).

⁸ O termo libertação deve ser considerado, por um lado, em seu sentido-base que se refere a um movimento de dois pólos: opressão e liberdade; e, por outro, em seu sentido contextualizado, segundo sua aplicação em um determinado campo de saber (por exemplo: psicologia, sociologia, teologia, etc), que por sua vez não violenta as possibilidades semânticas do sentido-base. No caso da teologia da libertação, o termo libertação parte do contexto sócio, econômico e político, e aterriza no campo da leitura interpretativo da história, criando uma nova consciência histórica de libertação (LIBANIO, 1989, p. 145-147).

Alexander Genken (1997, p. 106) situa a racionalidade escolástica do segundo milênio no modo alemão de fazer teologia com as controvérsias eucarísticas carolíngias⁹ (século IX). Essas controvérsias sobre a presença real eucarística foram formuladas em torno de comentários dos textos de Santo Agostinho que, na realidade, eram apenas pré-texto para o pensamento alemão sobrepor-se a teologia dos santos Padres.

O clássico triunvirato da nova racionalidade sistemática encontra-se em Pascácio Radberto, Ratramno e Berengario¹⁰. Estes mestres da nascente escolástica (séculos IX-XI) situam sua contribuição em torno da pergunta sobre a natureza da conversão eucarística e, partindo da presença real, questionam se a transformação realiza-se de forma figurada (*sub figura*) ou em verdade (*in veritate*). O problema estava em não confundir aparência e realidade no que diz respeito a presença real eucarística.¹¹ Essa discussão mostra que os autores do triunvirato deixaram de lado a racionalidade dinâmica dos Padres que acentuam o sentido de figura real¹² e, não se importam com a especulação fisicista. A nova teologia escolástica está preocupada unicamente com o realismo (*veritate*) estático do corpo histórico de Jesus sob as espécies do pão e do vinho.

A tematização continuou com a grande escolástica até alcançar seu cume no Concílio de Trento, quando cinco séculos depois de Berengario, suas teses ressurgiram no pensamento da reforma protestante. Com o animo de encerrar essas disputas, o Concílio dedica três seções à eucaristia, realizadas, porém, em períodos separado entre si por um intervalo de onze anos. Em 1551 se realizou a grande sessão XI sobre a doutrina da presença real e da transubstanciação; depois, em 1562, a breve sessão XII sobre o uso do sacramento; e, por fim, a grande sessão XIII de 1562, sobre a natureza sacrificial da missa (HUNERMANN, 2000, 679-688). Segundo Giraud (2000, p. 3), aqui se insere a obra dos inventores e dos continuadores da manualística moderna.

⁹A teologia eucarística pré-escolástica deve enquadrar-se num contexto histórico condicionado por três aspectos: 1. A época carolíngia, período marcado pelo florescimento cultural chamado “renascimento carolíngio”. Esse florescimento se desenvolve a partir da reforma litúrgica promovida pelo rei Carlos Magno que pretendia unificar a liturgia do seu reino; e da reforma monástica onde a única regra permitida era a beneditina; 2. A teologia se faz nas escolas monásticas das grandes abadias alemãs e francesas donde haviam eminentes teólogos e conselheiros de Carlos; e 3. A reflexão se centra na liturgia onde o gênero literário será os comentários no estilo *Expositio missae Dominus vobiscum*. O tema sobre o qual se concentra a reflexão teológica em matéria eucarística será o da presença real e o da conversão eucarística (PAVES, 2006, p. 268).

¹⁰ As nuances do pensamento desses três monges são muito importantes. Radberto (+859), para reafirmar a presença real, sustenta a teoria da mutação de ordem física das espécies eucarísticas através da consagração. Ratramno (século IX) tem uma teologia mais simbólico-sacramental, e por isso, foi condenado pelo Concílio Vercelli (1050). Entretanto, foi reabilitado em 1945 (GLIOZZO, 1945, p. 79-189). Berengario (+1088), por sua vez, postula um simbolismo vazio que o conduz a heresia (ver GIRAUDDO, 2014, p. 416-432).

¹¹ RADBERTO, *PL* 120, p. 1279b; GUITMUNDO DE AVERSA, *PL* 149, p. 1430a.

¹² AMBROSIO, *SC* 25bis, p. 182-185; CRISOSTOMO, *SC* 50bis, p. 159-185.

A partir de uma leitura reducionista do Concílio, os teólogos pós-tridentinos formularam seu método teológico e propuseram um tratado *De Eucharistia*. Para saber como se apresenta esse método, pode-se tomar como exemplo o clássico manual de Adolphe-Alfred Tanquarey (1930). Em geral, os sacramentos são tratados a partir de um método sistemático teológico que considera cinco pontos: a existência, a essência, os efeitos, o ministro e o sujeito do sacramento. No caso do tratado sobre a eucaristia, Traquarey optou por apresentar segundo o método tripartido (GIRAUDO, 2000, p. 4), inspirado na formulação de Trento: eucaristia como presença real, como sacrifício e como sacramento.

O primeiro passo do método trata a eucaristia como presença real e aborda a questão da transubstanciação. Num segundo passo, quando trabalha a eucaristia como sacrifício, os manualísta afirmam a existência e a essência do sacrifício, e precisa os seus efeitos. Depois, especifica o ministro da eucaristia e, por último, o sujeito do sacrifício que são aqueles pelos quais se oferece. No terceiro passo, Taquarey ocupa-se da eucaristia como sacramento, considerando a presença real em relação aos que a receberam. Inicialmente demonstra a existência do sacramento e, depois, afirma que sua essência consta de matéria e forma. A matéria será, por sua vez, remota e próxima. A matéria remota são o pão de trigo e o vinho da videira e, aquela próxima, são as espécies consagradas. A forma dos sacramentos são as duas fórmulas da consagração, declarando-as palavras necessárias e suficientes para que aconteça a transubstanciação. Em todo caso, nega que a epíclese faça parte da forma do sacramento. Depois são ilustrados os efeitos, ministros e sujeitos do sacramento (GIRAUDO, 2000, p. 3-5).

A panorâmica acima apresenta o método de especulação teológica que se impôs com a escolástica latina. A fim de compreender melhor a dinâmica do mistério, o teólogo do segundo milênio apresa-se em desmonta-la para sistematizar e apossar-se dela. Sem metáfora, com seu método de pesquisa que aclara, organizar e sistematiza; o teólogo sistemático acabou por reduzir o mistério do altar em sistema de tipo mecanicistas que seleciona, separa, manipula, corta e classifica o fato sacramental, até o limite dos recursos lógicos (GIRAUDO, 2000, p. 5).

A Igreja dos Padres, no primeiro milênio, conheceu outra forma de fazer teologia eucarística que chamaram de mistagógica. Na mistagogia, a explicação teológica não se dá apenas sobre o fato sacramental, mas também a partir dos ritos e preces celebrados no espaço litúrgico. Exemplar dessa teologia são as catequeses mistagógica do século IV¹³, que consistem em homilias feitas para os

¹³ INACIO DE ANTIOQUIA, 1970, p. 80-81; IRINEU DE LIAO, 2019, p. 36-37; TERTULIEN, 1990, p. 163-167; ORIGINIS, 1960, p. 64-65; BASILE DE CESAREE, 1945, p. 169-172.

neófitos (novos batizados) com a intenção de explicar o significado e a natureza das ações litúrgicas. O termo mistagogia significa instrução e profunda explicação espiritual dos mistérios. A etimologia conduz ao verbo grego *mueo*, “explicar a doutrina” ou “iniciar através dos mistérios”.

Enrico Mazza (1989, ix) recorda que é muito difícil dizer por que essa literatura e fenômeno litúrgicos apareceram precisamente no final do século IV. Certamente, não é uma surpresa quando se considera as grandes inovações na prática litúrgica desse período.¹⁴ Mazza oferece uma hipótese histórica, apesar de frágil, ao chamar a autoridade do Concílio de Laodicea (séculos 343 e 381 d.C) em seu cânon 46 que apresenta um tipo de instrução cristã, suposta personificação do gênero literário conhecido como homilia mistagógica (1989, ix).

Apesar de relevante a questão histórica do fenômeno da mistagogia, a pergunta mais importante que toca fazer é sobre a sua natureza metodológica. Afinal, estamos diante de uma catequese ou de um modo de produzir teologia? O problema se coloca dessa forma porque historicamente as mistagogias são formuladas como homilias ou comentários litúrgicos com forte ênfase no sentido espiritual. Por essa razão, Mazza (1989, p. 2) situa a mistagogia no campo da catequese e da espiritualidade. Ele apresenta duas interpretações desse sentido minimalista da mistagogia. Primeiro, a mistagogia seria uma das muitas formas adaptadas de ensinar, em profundidade, aos ouvintes que ainda não teriam o sentido teológico afinado; segundo, a ênfase da mistagogia na espiritualidade, corresponde ao mesmo critério de maior acessibilidade de ouvintes ao mistério celebrado. De fato, de acordo com essas duas interpretações, a mistagogia perde seu *status* próprio de teologia, deixando de ter a pretensão científica de oferecer uma teoria (entendimento) e uma história do mistério, para ser uma experiência especial, limitada a um grupo de celebrantes no contexto litúrgico.

Seguindo os estudos de Mazza, Giraudo suspeita toda uma outra coisa da interpretação minimalista da mistagogia. Na verdade, a tradição mistagógica oferece um método teológico que se converte em entendimento do mistério. Portanto, o método mistagógico é capaz de levar à luz e explicar os conteúdos teológicos em sentido próprio e verdadeiro; e não tem a necessidade de ser modificado ou forçado para tal objetivo. (MAZZA, 1989, p. 3) A síntese mas autorizada desse método teológico é o já mencionado axioma *lex orandi lex credenti* de Prospero de Aquitania, encontrado no *Indiculus gratia Dei* (“Pequeno catálogo da graça de Deus”, anos 435-442), com a seguinte formulação: *ut legem credendi lex statuat supplicandi* - “para que a norma do crer seja estabelecida pela a norma do orar” (GIRAUDO, 2014, 13-24; TABORDA, 2003).

¹⁴ Nesse sentido, vale recordar que são desse período os “ritos de reconciliação dos heréticos” e as anáforas de tipo antioquenas fundadas nas homilias de Teodoro de Mopsuestia e Cirilo de Jerusalém (MAZZA, 1989, ix).

Os Padres especulavam no culto e a partir do culto, e produziam teologia primeiro rezando, para depois crer; rezavam para poder crer, rezavam para saber como e o que deviam crer (GIRAUDO, 2014, p. 8). Mazza em sua obra sobre a mistagogia estuda o método dos Padres e, a partir de Ambrosio de Milão, Teodoro de Mopsuétia, João Crisostomo, Cirilo de Jerusalém e Agostino de Hipona, estabelece os cinco passos para o método mistagógico.¹⁵

A redescoberta desse novo e antigo método e a exigência de uma teologia litúrgica produzida a partir da vivência celebrativa, conduz ao matrimônio entre a teologia mistagógica e as teológicas modernas eucarística. Esse tipo de teologia parte de perguntas que brotam do mistério celebrado e da realidade e experiências vividas em seu contexto. Por conseguinte, se classificam entre as teologias indutivas, pois buscam uma compreensão da Palavra e da ação de Deus em seu *devenir* histórico-celebrativo e, finalmente, em sua atualidade viva para a Igreja de hoje (LIBANIO, 1989, p. 160). No caso da teologia da libertação, uma teologia moderna e indutiva (LIBANIO, 1989, p. 159), e sem dúvida, uma “teologia da vida”¹⁶, os caminhos de reflexão não convergiram tão explicitamente ao método mistagógico no estudo da teologia sacramental, e especificamente eucarística.

A nova abordagem latino-americana sobre teologia eucarística se constituiu basicamente da análise da eucaristia em seu aspecto libertador ou alienador nas assembléias litúrgicas (CODINA, 2006, p. 267). Essa perspectiva da teologia eucarística libertadora é produto de um método teológico que gera uma teologia contextualizada (LIBANIO, 1989, p. 174). A teologia da libertação se faz em e a partir de um contexto sócio-cultural, se situa dentro do processo histórico da libertação integral do ser humano, em uma especial solidariedade com os pobres que, por sua vez, se encontram em uma condição social de marginalização, de opressão e injustiça. É uma teologia contextualizada e se faz a partir da contextualização. Por um lado, quer ler teologicamente dito contexto. Isso significa que

¹⁵ Primeiramente, o método procede com a descrição dos ritos, gestos e formulários litúrgicos (1). Em seguida, realiza-se a identificação nas Escrituras das passagens que explicitam a salvação que se celebra o rito em questão (2). No terceiro passo, o mistagógo faz um aprofundamento do evento salvífico narrado nos textos escolhidos, de forma a mostrar, com recursos a outros textos à reflexão teológica, seu significado para salvação. Nesse passo, o enfoque é o evento salvífico e não o sacramento como tal (3). Depois, se retorna ao rito, aplicando a ele o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é assim interpelada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta (4). Finalmente, no quinto passo, o mistagógo passa a explicar o dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental, recorrendo aos termos específicos para designar a dinâmica sacramental: mistério, sacramento, figura, imagem, semelhança e os pares semânticos imagem-verdade e tipo-antitipo (5). Francisco Taborda faz notar que, principalmente, nestes últimos passos se pode ver o aspecto relacional dos sacramentos com o evento salvífico que lhe serve de base numa relação de identidade e diferença. Os dois passos essenciais da mistagogia são o segundo e o quinto. A identificação da passagem das Escrituras que descrevem o evento salvífico ao qual o sacramento se refere e a aplicação à liturgia de tudo o que se encontrou ao aprofundar o evento da salvação. O método base numa tal produção teológica é, portanto, a tipologia bíblica que permite unificar o mistério, a celebração e a explicação do sentido do mistério (TABORDA, 2009).

¹⁶ A teologia nascida da *lex orandi* é chamada também de teologia da vida (*Lebenstheologie*), uma tendência que, apesar de não formar uma escola, inspirou diversos autores alemães: Guardini, C. Adam, A. Radamarke, G. Soehnger e T. Soiron (ver VAGAGGINI, 1961, p. 30).

busca ver nesse mesmo contexto a atuação de Deus e as forças opostas ao seu projeto. Por outro lado, sua própria compreensão de Deus também se modifica pelo impacto desse contexto. Isso é o que significa teologia contextualizada; o contexto é lido teologicamente e a teologia contextualizadamente (LIBANIO, 1989, p. 175).

O modelo de inspiração dos teólogos da libertação para propor seu método é a trilogia ver, julgar e agir. No primeiro passo do método, o ver é ver e fazer ver a irrupção do pobre na história, sua experiência e sua realidade como sujeito ativo na sociedade e na Igreja. Nesse horizonte da história, o ponto de partida da teologia da libertação é a realidade. Contudo, não significa que a realidade é princípio de compreensão e fundamento para a interpretação. Na teologia, a revelação é o lugar teológico¹⁷ desde donde se interpreta a realidade e a práxis. A realidade, como ponto de partida, o é como lugar hermenêutica, lugar donde nasce a pergunta, lugar donde se tira a matéria prima para a reflexão teológica.¹⁸ Nesse sentido, se a pergunta nasce da realidade, a resposta vem da revelação.

A realidade, por sua vez, deve ser lida cientificamente para que o discurso seja reflexivo, crítico, metódico, argumentativo, auto-controlado, regulado, disciplinado e submetido a controle pré-estabelecido. Tal pretensão científica não pode contentar-se com uma aproximação apenas instintiva e sapiencial, pois o discurso estaria mais sujeito a ideologização (LIBANIO, 1989, p. 177). Para proteger-se de ideologizações, o teólogo da libertação utiliza-se das mediações sócio-análíticas de valor científico. As mediações sócio-análíticas é essa operação teórica que exerce a prática teórica, assumindo os resultados da ciência do social. A teologia se apropria dos resultados teóricos interpretativos das ciências do social em relação com a realidade humana histórica (LIBANIO, 1989, p. 177-178) Chama-se mediações porque mediatiza, cumpre com a função de ponte teórica entre a

¹⁷ Inicialmente os lugares teológicos significavam apenas as fontes do conhecimento teológico. Desde sempre, a Sagrada Escritura é a fonte primeira e principal da revelação, o lugar teológico por excelência; segue a Tradição da Igreja. Melchor Cano (1479-1560) foi o primeiro teólogo católico a apresentar uma doutrina dos lugares teológico, ampliando-os a dez. Cano reafirma a excelência das Escrituras e da Tradição da Igreja, contudo inclui a novidade da “história humana” como um lugar teológico (CANO, 2006, p. 8-10). Com a contribuição de Cano sobre a “história humana” como lugar da manifestação de Deus, abriram-se novos horizontes para novos lugares teológicos. Nesse contexto, o conceito de lugar teológico adquiriu novo matiz. Lugares teológicos agora são também todos os lugares, situações, experiências e acontecimentos onde Deus se manifesta ao ser humano, constituindo ponto de encontro entre Deus e o homem. Essa nova perspectiva permitiu ampliar a definição de lugar teológico a outras realidades e situações do mundo que abarca as novas problemáticas do homem contemporâneo. O tema dos pobres ocupa um lugar privilegiado na interpretação dos novos lugares. Concretamente, a teologia da libertação assume o compromisso de fazer teologia tendo o pobre como lugar teológico. Contudo, é importante recordar que se parte do pobre partindo de Cristo, partindo da Revelação, partindo da Tradição, lugares teológicos por autonomasia (ELLACURIA; SOBRINO, 1990, p. 82).

¹⁸ Quando dizemos que a revelação constitui os meios de produção, enquanto que a realidade social oferece matéria-prima, recorremos ao esquema althusseriano da prática teórica. Nesse sentido, o ponto de partida não seriam os meios de produção, mas a matéria prima. Portanto, o ponto de partida significa “lugar hermenêutico”, lugar de donde se tira a matéria prima (LIBANIO, 1989, p. 176).

realidade humana histórica e o conhecimento propriamente teológico, proporcionando a teologia uma elaboração científica dessa realidade. É mediação analítica porque capta os dados, não a maneira intuitiva e experimental, mas por via da análise, da distinção entres os elementos constitutivos do real e suas relações. E, finalmente, sócio analítico porque o real é situado dentro da sociedade. O uso dessas mediações não configura propriamente um momento teológico, apesar de se dá a interferência teologal. Antes, é pré-teológico, pois não faz mas que preparar a matéria para a reflexão teológica.

O segundo passo do método da teologia da libertação situa a reflexão teológica propriamente dita e, constitui, nas palavras de Clodvis Boff, a teologicidade de um discurso determinado (CLODOVIS BOFF, 1980, p. 137). Na dimânica do método, esse momento se chama de mediação hermenêutica que é o modo especificamente teológico de apropriar-se dos resultados da reflexão das mediações sócio analíticas (CLODOVIS BOFF, 1980, p. 20). A problemática suscitada por uma determinada situação sobre a eucaristia é atravessada pela revelação e, iluminada pela novidade do Reino de Deus, constitui o discurso na sua especificidade teológica. A novidade da teologia da libertação reside num único ato produtivo teológico de dupla percepção: uma nova compressão da Palavra que não teria sido possível sem o impacto da realidade cientificamente analisada; e, uma nova percepção da realidade que tão pouco seria possível sem a Palavra iluminadora de Deus (LIBANIO, 1989, p. 217).

O interesse final das análises e da produção teológica está na possibilidade do teólogo oferecer uma estrutura teórica do compromisso social. Nesse sentido, o terceiro passo do método latino-americano de fazer teologia está na relação entre teoria e práxis, pois, o compromisso do teólogo produz uma autêntica prática teórica. Uma teologia comprometida que trabalha pela transformação de um estado de coisas cuja injustiça não tem nenhuma necessidade de ser aprovada (LIBANIO, 1989, p. 367).

Nas palavras de Jon Sobrino, a teologia deve ser misericordiosa, porque misericórdia é revelação, práxis em termos da libertação. Isso significa que uma teologia fundada na irrupção do pobre tem uma finalidade prática. Teoria e prática, inteligência e misericórdia, estão unidas porque a teologia da libertação nasce para responder a um mundo de sofredores. Essa teologia como teoria tem a finalidade direta de informar e configura uma práxis, orientando-a e animando-a, a fim de que a mesma teologia se converta numa teoria da práxis (SOBRINO, 1992, p. 68).

O tratado sobre eucaristia, nessa perspectiva do método da teologia da libertação, vê na celebração eucarística um banquete que denuncia a realidade de fome e sofrimento no continente latino-americano. A mesa eucarística se transforma assim na profética memória do compartilhar fraterno

e do serviço. Segundo Pixeley e Clodovis Boff (1983, p. 113) esse clamor do pobre na liturgia não constitui uma ingerência política ou sociologia ilegítima, pois pode ser considerado um elemento constitutivo do caráter profético do sacramento. O pobre é um sacramental, pois na imagem do necessitado, despojado e vencido, o ser humano é convidado ao amor, ao serviço, a solidariedade e a justiça.

Essa realidade da eucaristia como profecia das mesas vazias tem como princípio estruturador o conceito de Reino de Deus. Como mediação hermenêutica, o Reino ajuda-nos a entender melhor a eucaristia, celebração que nos conduz a urgência pela transformação de situações de pobreza que obstaculariza a vinda desse mesmo Reino. Os cristãos participam do banquete eucarístico para dignificar e celebrar o Reino que, por sua vez, tem a ver com a libertação dos pobres (CODINA, 2006, p. 277).

A teologia eucarística em perspectiva libertadora não apenas produz uma teoria da celebração litúrgica como espaço da libertação dos marginalizados pela memória sempre viva do Senhor que alimenta, mas relaciona essa teoria com uma práxis, informado essa práxis de conteúdo libertado. O pão de trigo e o vinho da videira transformados em pão e vinho do Reino movem a assembleia litúrgica a um real compromisso social.

Os teólogos da libertação produziram um método original ao assumir a realidade do pobre e seu sofrimento como lugar teológico. Romperam com a sintaxe teológica do método escolástico que trabalha pela via dedutiva, distanciando-se da metodologia dos padres pós-tridentinos no tocante a teologia eucarística (LIBANIO, 1989, p. 159) A descontinuidade é um aspecto importante para a produção teológica (lei de exclusão), contudo, a continuidade (lei da inclusão) na tradição é um dado absolutamente imprescindível para a catolicidade e apostolicidade de uma teologia (LIBANIO, 1989, p. 159). Nesse sentido, a teologia eucarística em perspectiva libertadora traz em sua dinâmica a *forma mentis* da teologia escolástica, pois segue a tradição de uma teologia de idéias claras e distintas, de grandes sistemas, produzida na escola da *lex credendi*, distanciada do espaço litúrgico.

A teologia eucaristia libertadora em perspectiva mistagógica significa uma tentativa de recuperar o método da teologia mistagógica no quadro da teologia da libertação e situar a teologia eucarística libertadora na atual reflexão sobre a necessidade de produzir teologia litúrgica a partir da *lex orandi*. Claro que se trata de uma mistagogia realizada agora no nível da reflexão crítica e sistemática, tal como a teologia é prática hoje.

5. A teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica: críticas e possibilidades

A apresentação dos três métodos na produção da teologia eucarística mostra que é possível e necessário a convergência de métodos. À cada nova elaboração, a original sintaxe teológica situa-se numa tradição marcada por continuidade e descontinuidade. No caso da teologia eucarística libertadora, a influência do método escolástica foi mais acentuada que aquele dos santos Padres. Portanto, pergunta-se: porque pensar a teologia eucarística da libertação em perspectiva mistagógica? Que ganharia essa teologia em novidade?

Atualmente, o caminho da teologia eucarística tem apontado para a direção de uma teologia sempre mais mistagógica. Autores, já citados, como Enrico Mazza, Cesare Giraudo e, no contexto latino-americano, Francisco Taborda, tem recuperado uma teologia eucarística produzida desde o método da *lex orandi lex credendi*. Nesse sentido, seria muito importante orientar a teologia eucarística da libertação a uma reflexão mais atualizada e mistagógica.

A perspectiva libertadora em nada é estranha a tradição patrística. Como indicado em textos anafóricos acima, é importante trazer ainda a anáfora de Basílio que descreve o cuidado da Igreja com os mais pobres. Assim reza nas suas intercessões: “abençoa o ciclo do ano com tua benevolência, por causa dos pobres de teu povo, por causa da viúva e do órfão” (GIRAUDO, 2014, p. 564). As categorias dos pobres, viúvas e órfão são representativos daqueles reais e atuais dos grupos de miseráveis da América Latina hoje, ou seja, os indígenas, mulheres, criança e afrodescendentes.

Segundo Giraudo (2014, p. 565), nas eucaristias celebradas hoje, eleva-se uma súplica para que o cristãos seja os olhos, ouvido e mãos de Deus. Analogicamente, ensina Justino em sua *apologia prima* 67, 6-7 (MRCOVICH, 2005) depois de ter mencionado a comunhão com seus elementos eucarizantes: os que estão cheios de riqueza oferta de livre escolha aos pés do presidente. Este mesmo socorre os órfãos, viúvas e enfermos. Numa palavra faz-se protetor de todos os necessitados. Eucaristia e compromisso social, *lex orandi lex agendi* constitui um desdobramento inseparável da única e mesma realidade, pois sem liturgia é difício compromisso social e sem compromisso social é impossível que haja autentica liturgia (GIRAUDO, 2014, p. 565)

Essa necessidade de *aggiornamento* da teologia da libertação no campo da teologia eucarística conduz a uma discursão atual em torno da critica de Clodovis Boff ao caminho metodológico da teologia da libertação. Essa crítica possibilitará situar a específica contribuição da perspectiva mistagógica.

Na revista REB 2007, Clodovis Boff (2007) questiona a teologia da libertação referindo-se ao fato que teria colocado o pobre no lugar de Cristo. O problema surge quando se aplica ao pobre

qualitativos como direção fundamental e lugar decisivo da fé. Esses qualificativos devem ser aplicados a fé apostólica e não a temas que decorrem dela, mesmo que sejam temas radicais a mesma e decisórios para uma teologia. A ambigüidade teórica e prática que nasce nesse contexto de reflexão é devido a indefinição entre o primado de Deus e o primado do pobre e sua libertação, estabelecendo assim uma “trama teórico” e, com ela, uma falta de consistência epistemológica e problema de método.

Segundo Clodovis, o problema é que a teologia da libertação assume o primado de Deus como um dado por pressuposto em sua produção e, o que seria fundamento último, torna-se princípio inativo, perdendo sua força existencial e teórica no discurso. O pobre, por sua vez, assume o lugar de princípio operante e ativo, fundamento de todo o discurso teológico. O que deveria ser um tema relativo, converte-se em referente. O que seria lugar hermenêutica, como o indicado acima, transforma-se em princípio de compreensão e fundamento para a interpretação.

Para sair desse problema de epistemologia e de método, Clodovis chama a teologia da libertação para voltar aos seus fundamentos teológicos. Para tanto, deve-se partir de Cristo para chegar ao pobre, e não o contrário. Leonardo Boff (2007), discordando de Clodovis, recorre a tradição da teologia da libertação, e reafirma a centralidade do pobre na mensagem de Jesus. Para Leonardo Boff, não há nenhum inconveniente afirmar que o princípio pobre inclui necessariamente a Cristo ou que se pode partir do pobre para chegar a Cristo.

Infelizmente, cai-se na mesma aporia indicada por Clodovis Boff, pois Leonardo Boff (2007) também afirma, sem nenhuma consideração ulterior, que o pobre não é um tema secundário e relativo, mas princípio operante da libertação. Talvez o erro de Leonardo Boff é não considerar que o pobre é um tema relativo, pois apenas pode-se entendê-lo em relação a Deus (relativo a), o único absoluto no discurso teológico. A tensão gerada pelo discurso permanece, pois, se por um lado concorda-se na necessidade de explicitar melhor o princípio referente e último da teologia da libertação para que não haja margem para ambigüidades; por outro, fica a preocupação que essa insistência pelos fundamentos pareça uma voltar atrás no discurso original da teologia latino-americana da libertação.

Na réplica de Luiz Susin e Hemma (2008) à Clodovis, encontra-se uma possível saída dessa problemática. Importante fazer notar que o uso do artigo de Susin e Hemma não faz justiça a todas as matizes apresentadas. Seria necessário lê-lo com maior atenção, contudo, me pareceu oportuno considerar apenas algumas reflexões.

De início, Susin e Hemma (2008) retoma o que foi dito por Clodovis Boff, ou seja, que o princípio referente da fé deve ser explícito no discurso teológico, enquanto os outros princípios são

referidos. Também considera que na evolução da teologia da libertação poderia ter havido algum reducionismo em função da impaciência pela justiça e o esquecimento daquele princípio radical em teologia, por tê-lo como obvio e dado. Nesse sentido, foi tão comum escutar slogans pela *vultaga* militante que afirmava a teologia ou a bíblia como ferramenta de luta e a construção do Reino de Deus como compromisso político. Tais imprecisões levaram a equívocos e ambigüidades na teoria e na práxis. Por isso, é justa uma crítica a uma certa militância elitista e deslocada da vida e da espiritualidade, que esquece que o Reino de Deus é de Deus, e às pessoas concretas não cabe propriamente edifica-lo, mas colocar-se na sua lógica e dinâmica.

A questão levantada por Clodovis Boff é oportuna e relevante. Seu problema, segundo Susin e Hemma (2008), foi trata-la de forma linear e a partir de um corte aristotélico-escolástico que privilegia a unidade substancial para manter a identidade do discurso. Clodovis Boff insiste que em teologia o principio fundamental que dá identidade ao discurso é Cristo e o pobre é consequência deste. Esse caminho é autêntico e busca expressar com fidelidade o *intellectus fidei*, contudo, não está isento de ambigüidade, pois tal discurso pode cair no fundamentalismo. Da mesma forma, não pode ser considerado o único caminho de reflexão.

Susin e Hemma (2008) afirmam que para sair da ambigüidade, partir do pobre ou de Cristo, e oferecer uma identidade a teologia da libertação sem equívocos radicais, o caminho está em tomar a via do círculo hermenêutico¹⁹, donde o acento não cai sobre o discurso da identidade substancial, mas em uma abordagem da identidade plural. Essa opção está fundada sobre a identidade cristã, marcada pela alteridade. Cristo nos conduz por esse caminho quando apresenta Deus como uma unidade plural, uma unidade que convive com a diferença e privilegia a pluralidade simbólica.

Nessa perspectiva, a afirmação de que se parte de Cristo para chegar aos pobres, mas também dos pobres para chegar a Cristo não encontra nenhuma dificuldade epistemológica ou metodológica. O discurso fundado no círculo hermenêutica não conduz a uma dialética de pólos simétricos ou dualista. O importante é deixar explícito que no discurso teológico sempre falamos em tom mas alto de Cristo. Portanto, se pode chegar de qualquer ponto a outro; e chegar bem, contanto que se compreenda cada ponto em seu real e devido lugar (PARRA, 2003, p. 36-42). No caso da teologia, quando não se entende a Jesus Cristo e suas opções, jamais se poderá chegar ao pobre e, se estes não

¹⁹ Parra explica que a teologia da libertação se apropriou da circularidade hermenêutica, permitindo-lhe uma leitura dos textos da tradição, desde os contextos históricos da situação, como pré-texto ético de nossa libertação em Cristo. Nesse sentido, se abandonou o plano linear metodológico que resulta em puro paralelismo ocasional. Para salvaguardar a diferencia na circularidade é necessário recordar que o círculo não significa confusão de objetividades, mas o movimento de interação dos elementos no jugo (PARRA, 2003, p. 36-42).

são situados a partir de seu fundamento que é Deus, jamais se chegará a Cristo (PARRA, 2003, p. 36-42).

Exatamente a partir dessa reflexão metodológica pode-se situar a contribuição da mistagogia para a teologia eucarística da libertação. O método mistagógico terá a função de explicitar a prioridade de Deus no discurso teológico, deixado de lado o perigo de qualquer ambigüidade mais radical no discurso. O ponto de partida será sempre o espaço litúrgico, o lugar da *lex orandi*, o diálogo iniciado por Deus. É no contexto desse diálogo que entra em jogo as mediações sócio analíticas para assumir as realidades humanas que estão por detrás desse diálogo e apontar a problemática a ser abarcada pela reflexão teológica propriamente dita.

Parafraseando Clodovis Boff, pode-se dizer que se parte da celebração do memorial do Senhor e se encontra com os pobres, como também, parte-se dos pobres e chega-se ao redor da mesa da celebração eucarística. Os dois pontos de partida são válidos, contanto que na circularidade metodológica, o discurso seja situado desde a perspectiva mistagógica que oferece identidade a produção teológica.

A perspectiva mistagógica conduz ao centro da fé cristológica e pneumatológica, donde o teólogo, diante do extenso campo de compreensão da eucaristia, e por meio do estudos do ritos e formulários, *per ritus e preces* (SC, N. n. 48), avança na inteligência da eucaristia. Para fazer teologia eucarística é necessário dirigir os olhos à Igreja em oração, reunida sob a presidência do bispo ou do presbítero que celebra a santa liturgia. Aproximar-se dos missais, ritos e suas comunidades litúrgicas que os fazem palavras vivas e existências. Nessa fonte e fundamento vivos encontra-se o caminho para fazer teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica. Uma teologia que, por um lado, tem com princípio operante e ativo em seu discurso a gratuidade mesma da salvação e, por outro, o olhar fixo na experiência do pobre que celebra a tão esperada libertação através dessas palavras santas e veneráveis.

Portanto, se a teologia da libertação é situada na dinâmica mistagógica, essa por sua vez, só terá relevância para aquela na medida que for situada na realidade do pobre e seu clamor por justiça. A teologia eucarística libertadora estabelece com esse contexto um círculo hermenêutico. Por um lado, quer ler mistagógicamente dita libertação. Isso significa que busca ver a *lex orandi* como lugar fecundo que envolve todo o discurso libertador. Por outro, quer ler libertadoramente a mistagogia, pois a oração só terá sentido nessa teologia na medida que for fecunda pela realidade concreta de um povo marcada pela injustiça e pela fome. Libertação e mistagogia se implicam e se fecunda para

produzir uma teologia eucarística que envolva a prática misericordiosa de profunda gratuidade que só pode nascer do mistério celebrada.

6. Considerações finais

Uma teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica mostra que o mistério do Cristo celebrado em cada eucaristia sempre terá sua reflexão a nível teórico-prático comprometido pelo espaço litúrgico. O teólogo libertador mistagogo tem a responsabilidade de conduzir a leitura libertadora da eucaristia em chave do mistério celebrado, e levar esse mistério à vida, a partir dos textos e gestos proclamados no âmbito litúrgico.

Libertação e mistagogia convergem numa celebração donde os processos libertários dos pobres são traduzidos em uma espiritualidade que provoca e gera compromisso social, como ação contra toda opressão, seja individual ou estrutural. Nessa dinâmica libertadora, a eucaristia como transformação do pão e do vinho em corpo e sangue do Senhor para a transformação da comunidade em corpo eucarístico, é o lugar privilegiado donde o pobre encontra o consolo e certeza de sua libertação. Portanto, as assembleias litúrgicas eucaristizadas são os olhos com os quais Deus vê as necessidades dos pobres, os ouvidos pelos quais escuta seus lamentos, as mãos pelas quais se serve para socorrer-los (GIRAUDO, 2014, p. 565). O pobre é lugar teológico, protagonista e ao mesmo tempo acolhedor da gratuidade dos irmãos que vão tomando consciência de uma realidade cruel e desumanizadora de diferenças sociais.

A proposta de avançar no estudo de uma teologia eucarística libertadora em perspectiva mistagógica conduzirá à uma teologia eucarística comprometida, misericordiosa e sapiencial, donde a dinâmica celebrativa é assumida de forma unitária e orante. A pergunta inicial da pesquisa de como pensar a teologia da libertação em perspectiva do método eucarístico-mistagógico, é respondida com os resultados alcançados. Em primeiro lugar observou-se uma estreita convergência entre teologia da libertação e a tradição mistagogia no que diz respeito a centralidade do pobre, e em segundo lugar, a necessária superação de uma teologia polarizada ou dualista quanto ao ponto de partida, situando o círculo hermenêutico como método eficaz para superação dos fundamentalismos e o método mistagógico como superação das ambiguidades.

Referências

- AMBROSIO. “De Sacramentis & De Misteriis”. En *SC* 25bis, 182-185; cfr. CRISOSTOMO, Juan. “Huit catéchèses baptismale”. En *SC* 50bis, 159-185.
- BASILE DE CESAREE. *Trate du Saint-Sprit (15,129-133a)*. Paris: Cerf, 1945.
- CANO, M. **De Locis Theologicis**. Madrid: BAC, 2006.
- GUITMUNDO DE AVERSA. “De corporis et sanguinis Christi veritate in eucaristía libris tres 1”. En *PL* 149, 1430a.
- HUNERMANN, P, comp. **Enchiridion symbolorum, definitionum et declarationum de rebus fidei et morum**. Bologna: EDB, 2000.
- INACIO DE ANTIOQUIA. **Comunidades eclesiais em formação: carta de S. Inácio aos Esmirnenses (7, 1)**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- IRINEU DE LIAO: **I, II, III, IV e V Livros (I: 3,1)**. São Paulo: Paulus, 2019, 36-37.
- MARCOVICH, M. *Iustini martyris. Apologiae pro cristianis*. New York, Walter de Gruyter, 2005.
- MISSAL ROMANO. 2ª. **Edición Típica**. Petrópolis: Paulus, 1991.
- ORIGINIS. **Entretien d’origène avec Heraclide (4, 9-28)**. Paris: Cerf, 1960.
- CONSTITUIÇÃO *SACROSANCTUM CONCILIUM (SC)*. **Documentos do Vaticano II**. Constuições, decretos, declaracoes. Petropolis, Vozes, 1966.
- RADBERTO, Pascásio. “**De corpore et sanguine Domini 4**”. En *PL* 120, 1279b
- TAQUAREY, A.-A. **Synopsis Theologiae Dogmaticae**, t.3. Paris-Tornaci-Romae, 1930.
- TERTULIEN. **Contre Marcion: tome I, Libre I (I, 14,.)**. Paris: Cerf, 1990.

Estudos

- BARTHE, R. *et al.* **Exegesis y hermenêutica**. Madrid: Cristandad, 1976.
- BOFF, C. **Teologia de lo político: sus mediaciones**. Salamanca: Sígime, 1980.
- BOTTE, B. J.-B. **Teologia de la liberación: guia didático para su estudio**. Santander: Sal Terrae, 157.
- CEPAL.COMISSÃO ECONOMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Panorama Social da América Latina**, 2019 e 2020. Santiago: Cepal, 2020.
- DUSSEL, E. “**El pan de la celebracion, signo comunitário de justicia**”. En *Concilium* 72 (1982), 236-249.
- ELLACURIA, Ignácio y SOBRINO, Jon. **Mysterio Liberacionis: conceptos de la teología de la liberación**, vol. II. Madrid: Trotta, 1990.

- GERKEN, Alexander. **Teologia dell'Eucaristia**. Paoline: Alba, 1997.
- GIRAUDO, C. **Eucaristia per la Chiesa: prospettive teologiche sull'eucaristia a partire dalla 'lex orandi'**. Brescia: Morcelliana, 1989.
- GIRAUDO. **Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia**. Sao Paulo: Loyola, 2000.
- GLIOZZO, C. **La dottrina della conversione eucarística in Pascacio Radberto y Ratramno**. Palermo: Monaci di Corbia, 1945.
- MAZZA, E. **Mystagogy: a theology of liturgy in the patristic age**. Collegeville: Liturgical Press, 1989.
- PARRA, A. **Textos, contextos y pretextos: teología fundamental**. Bogotá: PUJ, 2003.
- PAVES, J.-R. **Los sacramentos de la iniciación cristiana: introducción teológica a los sacramentos del Bautismo, Confirmación y Eucaristia**. Toledo: Instituto San Ildefonso, 2006.
- PIXLEY, Juan, y BOFF, Clodovis. **Opicion por los pobres**. Madrid: Paulinas, 1986.
- ROUX GUERRERO, R.-E De. **El pan compartido.4 vol**. Bogotá: PUJ, 1994, 48-50.
- SANNA, I., comp. **Karl Rahner**. Madrid: San Pablo, 2006.
- SARANYANA, I.-J, dir. **Teologia en América Latina**. Madrid: Iberoamericana, 2008.
- SOBRINO, Jon. **El principio misericórdia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados**. Santander: Sal Terrae, 1992.
- TABORDA, F. **Sacramentos, praxis y fiesta: para una teología latinoamericana de los sacramentos**. Madrid: Paulinas, 1987.
- _____. **Memória da Páscoa do Senhor. Ensaio litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia**. Loyola: São Paulo, 2009.
- VAGAGGINI, C. **Liturgia e Pensiero Teologico Recente: Inaugurazione del Pontificio Instituto Litúrgico**. Roma: Pontificio Ateneo Anselmiano, 1961.

Revistas

- LIBANIO, J.-B. **Teologia de la liberación: guia didático para su estudio**. Santander: Sal Terrae, 1989.
- CAPPELE, B. "Autorité de la liturgie chez les péres". En **RThAM** 31 (1954), 5-22.
- CODINA, V. "Eucaristia y Reino de Dios. En **Theologica Xaveriana** 56 (2006) 45-57.

MARTINEZ, V.-M. *Eucaristia, mesa del sentido: celebración multicultural del jubileo*. Em **Theologica Xaveriana** 133 (2000) 49-58.

RICOUER, P. **Del conflict a loa convergencia de los métodos em exégesis bíblica. Exégesis y hermenêutica**. Madrid, Crisntad, 1976, 33-50.

ROUX, R.-E De. “Eucaristia desde Puebla”. Em **Theologica Xaveriana** 29 (1979) 291-306.

TABORADA, F. “Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica dos sacramentos. Em **REB** 64 (2004) 588-615.

_____. “Eucaristia e Igreja”. Em **Perspectiva Teológica** 17 (1985) 29-62.

_____. “Lex orandi , Lex credendi – origem, sentido e implicações de um axioma teológico”. Em **PT** 95 (2003)

_____. A ação do Espírito Santo na Eucaristia. A propósito do no. 1333 do Catecismo da Igreja Católica. Em *Revista Eclesiástica Brasileira*, 72, n. 299 (2012)

Fontes eletrônicas

BENTO XVI, Papa. Discurso en la inauguración de la Conferencia del Episcopado Latinoamericano en Aparecida (Mayo 2007). , <http://www.zenit.org/article-23573?l=spanish> (consultado el 30 April 2009).

BOFF, Clodovis. “Teologia da libertação e volta ao fundamento”. *REB* 67, No. 268 (diciembre de 2007): 1001-1022. Adital (2008), <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=33508>, (consultado El 2 mayo 2009).

BOFF, Leonardo. “Por los pobres: contra la estrechez del método”. Adital (2008), <http://www.adital.com.br/site/noti>

BUSTAMANTE, G.-B. et al. *Los métodos en teologia*. Bogotá: Javeriana, 2007.

[cia.asp?lang=ES&cod=33512](http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=33512) (consultado el 2 mayo 2009).

[ium_sp.html](http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=33512) (consultado el 1 mayo 2009).

FRANCISCO. Participar na eucaristia compromete em relacao aos pobres. <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/participar-na-eucaristia-compromete-em-relacao-aos-pobres-diz-papa-francisco>.

MARINI, Piero, Mons. “Il 40°. Anniversario della costituzione conciliare sulla sacra liturgia. Le fonti della *sacrosanctum concilium*.” *Renouveau liturgique* 14 (2004), http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/docume

[nts/ns_lit_doc_2003120440-conciliumit.html](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_2003120440-conciliumit.html) (consultado el 30 Abril de 2009).

PABLO VI, Papa. “Constitución *sacrosanctum concilium* sobre la sagrada liturgia”, n. 50 (diciembre 1963), http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concil

SUSIN, Luiz, e HEMMA, E.-J. “A teología da libertação e a questão dos seus fundamentos em debate com Clodovis Boff”. *REB* 68, No. 270 (Abril 2008) 277-299. Amai-vos, http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=29&cod_noticia=11383 (consultado el 2 mayo 2009).

TABORDA, F. “Da liturgia à catequese: por uma catequese mistagógica dos sacramentos”. Em <http://www.revistadeliturgia.com.br/arqui192.asp> (consultado el 11 maio de 2009).